

A Internet no Campo da Geografia: a Implantação do Museu Virtual de Jacobina - BA

The Internet in the Field of Geography: Implementation of the Virtual Museum of Jacobina - BA

Eliã Siméia M. dos Santos Amorim*

* Universidade Federal do Ceará (UFC).
Universidade Norte do Paraná (UNOPAR).

Resumo

O presente trabalho discute a validade do Museu Virtual de Jacobina (BA) como meio de ensino, aprendizagem e divulgação científica, considerando-se a escassez de materiais didáticos dinâmicos atuais em Geografia e as múltiplas possibilidades fornecidas pela Internet. Buscou-se no estudo de caso, possibilitar experiências didáticas e identificar possibilidades pedagógicas do mesmo como material didático. Os resultados obtidos nos remetem às questões de que o ensino da Geografia pode ser repensado e modificado a partir do local, pela percepção do espaço, para o desenvolvimento de postura ética e cidadã. Neste sentido, o Museu Virtual tornou-se material didático válido e importante.

Palavras-chave: Museu Virtual. Internet. Percepção. Geografia.

Abstract

The present work discusses the validity of the Virtual Museum of Jacobina (BA) as a means of teaching, learning and scientific spreading, when one considers the current scarcity of dynamic didactic materials in Geography and the multiple possibilities provided by the internet. By using a case study, this work aimed to enable didactic experiences and identify pedagogical possibilities of the museum as a didactic material. The results obtained indicate that the teaching of Geography should be reconsidered and modified from a local perspective, by means of the perception of the space, to achieve the development of ethical attitude and citizenship. In this sense, the Virtual Museum became a valid and important didactic material.

Key words: Virtual museum. Internet. Perception. Geography.

1 Introdução

Uma das questões inquietantes no campo do ensino e aprendizagem da Geografia está em perceber a atuação dos ex-alunos, em suas práticas pedagógicas, que apesar de toda fundamentação teórico-prática, muitos ainda permanecem atrelados ao conhecimento produzido, único e exclusivamente, nos livros didáticos e repassados pelas exposições verbais, seguidas de exercícios. Ou seja, continuam “na saliva e no pó de giz”, contrariando suas denúncias enquanto estudantes e reproduzindo velhas práticas.

Estudos recentes da Geografia trazem à tona discussões referentes ao ensino e à prática de professores em escolas de ensino fundamental e médio, que teoricamente, têm passado por profundas alterações. Teoricamente, porque de fato, são perceptíveis pouquíssimos movimentos de mudança.

Neste sentido Vesentini (2004, p. 9) questiona: “Será que o ensino da Geografia vai conseguir sobreviver?”. De acordo com o autor não há dúvida de que o sistema escolar renovado e apropriado aos desafios do Século XXI deve levar em conta a “compreensão do espaço/tempo”.

É preciso repensar e modificar as práticas de ensino. Mas como estabelecer a mudança na escola?

Questionamentos que permeiam tais inquietações podem ser traduzidos em Morin (2000, p. 199):

[...] ela (a caminhada) utiliza a lógica clássica e os princípios de identidade, de não-contradição, de dedução, de indução, mas conhece seus limites, e sabe que, em certos casos, é preciso transgredi-los. [...] Trata-se de articular os princípios de ordem e de desordem, de separação e de junção, de autonomia e de dependência que estão em dialógica (complementares, concorrentes e antagônicos) no seio do universo. Em suma, o pensamento complexo não é o contrário do pensamento simplificante, ele o integra [...]. O paradigma da complexidade prescreve reunir tudo e distinguir. [...] Trata-se, portanto [...] de procurar um método que permita ao mesmo tempo reunir e tratar a incerteza, um método que, ao mesmo tempo é integrado pelo espírito, permita o desenvolvimento de um pensamento complexo. A reforma do método é inseparável de uma reforma do pensamento, ela própria inseparável de uma reforma do ensino.

Faz-se necessário buscar novas formas de ensinar e aprender pela transgressão, articulando o velho ao novo, ao desconhecido; através de construções que partem do simples ao complexo, do concreto ao abstrato, do formal ao informal. Faz-se mister permitir passeios

por antigas trilhas e abrir novos caminhos, reunindo o singular e particular para o coletivo e cooperativo. Porém, dos muitos entraves elencados pelos professores de Geografia, na preparação e articulação dos materiais didáticos para suas aulas, estão:

- 1) Carência de recursos didáticos mínimos nas escolas, como mapas, globos e outros;
- 2) Ausência de laboratórios específicos na área da Geografia;
- 3) Informações escassas sobre o local em livros, revistas ou sites; e
- 4) Dificuldades em realizar pesquisa empírica com os alunos e organização de fontes.

Embora existam diversas possibilidades deste novo tempo e apesar do fenômeno da Globalização, das linguagens emergentes e dos caminhos fornecidos pelas novas tecnologias de informação e comunicação, tais entraves ainda ocorrem.

Considerando que uma das grandes preocupações no ensino atual é torná-lo dinâmico, contextualizado e possibilitando a formação de indivíduos críticos e atuantes na sociedade, as Ciências Sociais, em especial a Geografia, têm buscado superar seus limites. Contudo, faz-se necessário romper os paradigmas positivistas e o fortalecimento da compreensão da Geografia em entender a Sociedade e suas contradições, usando o espaço como categoria. Isto não ocorre somente mudando o livro didático ou a forma de dar aulas, por meio de métodos e técnicas revolucionárias, mas na tomada de novas posturas que promovam o desafio constante, a criatividade, os valores e a motivação para promover a discussão, análise e reflexão.

Kaercher (2001, p. 137) indica em sua obra que:

[...] nossos intelectuais desligaram-se de nossa realidade. Não criaram um pensamento próprio sintonizado com nossas raízes e nossa população. Deixaram de ser criadores e passaram a ser conhecedores de teorias que muito pouco nos ajudaram a sair desse subdesenvolvimento econômico e intelectual. Sem reflexão mais sistematizada, nossa experiência profissional vira rotina e repetição.

Ainda de acordo com Kaercher (2001) é de responsabilidade da Universidade, sobretudo nos cursos de licenciatura, a construção, democratização e reelaboração dos conteúdos, vencendo o ranço do conservadorismo didático em “passar” a matéria, fazendo dos currículos os “senhores” e não os instrumentos da aprendizagem e da formação dos indivíduos. Para o autor as licenciaturas têm sido apêndices das disciplinas de formação específica, não raro meros rituais de passagem para obter o “canudo de formatura”.

A reforma da educação no Brasil, normatizada pela Lei 9.394/96, contempla uma nova visão para ensino de Geografia, traduzida nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997), e indica, dentre outras questões que o trabalho pedagógico em Geografia visará às capacidades do aluno de:

- a) Observar, conhecer, explicar, comparar, representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos, através do estudo das relações entre o processo histórico na formação das

sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem;

- b) Perceber as diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais característicos de cada paisagem;

- c) Permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição;

- d) Identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza em sua interação.

Ainda no texto dos PCNs (BRASIL, 1997, p. 108):

O ensino da Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico.

Porém, há professores que não se encontram devidamente conscientes ou preparados para as salas de aula. Muitos não cursaram a licenciatura na área e assumiram a cadeira de Geografia por falta de opção ou por acreditarem ser ainda uma “matéria decorativa”. Outros, apesar de terem passado pela Academia, não buscaram melhorar suas práticas por meio da participação em cursos de aperfeiçoamento, congressos e/ou conferências e leituras técnicas específicas.

É preciso compreender qual a concepção subjacente ao trabalho pedagógico e os conceitos das categorias de análise da Geografia para tornar o espaço inteligível, revelando as práticas sociais dos diferentes grupos que nele agem, vivem, transformam.

Neste sentido Furlan (2002, p. 1) pontua:

Por isso o ensino de Geografia não se restringe à exposição do professor, à leitura do livro didático, à memorização de conceitos ou às respostas de questionários. É algo muito mais complexo e desafiador. Envolve a compreensão de um modo de pensar e explicar o mundo, pautada em noções, conceitos, procedimentos e princípios através dos quais os fatos são estudados e contextualizados no tempo e no espaço.

O ensino de Geografia deve também criar alternativas, promover a reflexão e a ação, numa concepção de práxis pedagógica; instaurar a revolução em sala de aula pela quebra de paradigmas dos saberes sedimentados pelo uso comum e cansativo das velhas aulas de Geografia, no qual decorar: capitais, nomes de rios e acidentes geográficos era a ordem e lei.

Indagações que surgem mediante estas conjecturas, questionando modificações no ensino da Geografia que possibilitem a construção de saberes e domínio de competências. A subjetividade, presente em cada indivíduo, contribui para um olhar atento ao mundo circundante; ou como a percepção se dá em cada pessoa;

ou ainda, se a percepção é educável, culturalmente ou limita-se ao campo biológico.

Morin (2000) dá algumas pistas quanto à subjetividade e individualidade: afirmando que é impossível ter do Universo uma visão clara e distinta e isolar o ser vivo de seu ecossistema, o indivíduo da sua sociedade, o sujeito do objeto.

Neste sentido, buscou-se fundamentar este estudo na compreensão da Fenomenologia, pautada nos estudos de Merleau-Ponty (2004), quando estabelece a idéia de que a percepção fenomenológica é um ato da consciência humana que se dirige aos sentidos da dialética ser-mundo, atribui sentidos aos gestos em correlação ao corpo humano e seus diversos movimentos e configura o mundo como um campo de experimentação para os pensamentos e percepções.

Para Merleau-Ponty (2004, p. 19) a percepção é o “momento dialético vivo de um sujeito concreto”, a consciência é a “dialética do meio-ambiente-ação do sujeito” e as movimentações do cogito fenomenológico nos aproximam de um mundo pré-científico, habitado por fenômenos que se tecem no solo da dimensão perceptiva da consciência.

Para Alessandri-Carlos (2001, p. 12),

do mesmo modo que em cada momento da história se produz um espaço, este revela, em cada momento histórico, uma cidade e suas possibilidades.

A construção e (des)construção do lugar o tornam particularmente concreto, na realidade subjetiva de quem o constrói em suas múltiplas experiências vividas. Assim, o lugar torna-se prazeroso para alguns, melancólico para outros, interessante ou estressante. O “sentir” o lugar torna o espaço significante.

As relações sociais possuem existência real, espacial concreta na medida em que se inscrevem e agindo nele, produzem um espaço. Os seres vivos, de uma maneira geral, intercambiam-se e trocam relações num espaço, porém somente os humanos são capazes de modificá-lo e perceber os efeitos dessas mudanças.

Para Santos (2000, p. 89), “o homem vai impondo à natureza suas próprias formas, a que podemos chamar de formas ou objetos culturais, artificiais, históricos”. Estes objetos culturais fazem com que a natureza conheça um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultado da cultura. “[...] No processo de desenvolvimento humano, não há uma separação do homem e da natureza. A natureza se socializa e o homem se naturaliza”.

A apropriação da paisagem é entendida pela forma de senti-la como produção individual e que se configura nas transformações, atividades e relações nela constituídas.

Para Ferrara (1993, p. 23):

A história da imagem urbana é aquela que culmina com o relato sensível de ver as formas de ver a cidade; não é descrição física, mas os instantâneos culturais que a focalizam como um organismo vivo, mutante e ágil para agasalhar as relações sociais que a caracterizam.

Importante, porém, se faz compreender de que forma tais percepções se estabelecem e quais as

epistemologias que as explicitam, numa discussão do próprio conceito de percepção ambiental, elucidando as representações que podem corresponder melhor a nossa compreensão e objeto por meio da utilização do mesmo. Neste sentido, a percepção na pesquisa realizada deu-se através das leituras sensíveis das fotografias e imagens disponibilizadas no Museu Virtual, pelo uso da Internet.

Considerando que o uso da Internet na escola está estreitamente vinculado a aprender com a tecnologia Nitzke Carneiro e Franco (2002) apontam a necessidade de criar situações para o aluno estabeleça relações, faça construções renovadas e reinvente as noções que se pretende que ele aprenda. Só assim se alcança a compreensão de um conhecimento. Professores, que aprenderam a superar velhas concepções de que o conhecimento só pode ser extraído dos livros didáticos, têm buscado um ensino mais dinâmico, criativo e rico a partir das interfaces possibilitadas pelo mundo virtual. Porém, mais necessário do que estar “plugado”, é oferecer oportunidades reais de aprendizagem.

Neste sentido Maturana (2001, p.199) reflete:

Sem dúvida, a interconectividade atingida através da Internet é muito maior do que a que vivemos há cem ou cinquenta anos, através do telégrafo, rádio ou telefone. Todavia nós ainda fazemos com a Internet nada mais, nada menos, do que o que desejamos no domínio das opções que ela oferece, e se nossos desejos não mudarem, nada muda de fato, porque continuamos a viver através da mesma configuração de ações (de emocionar) que costumamos viver.

Utilizar o computador na escola não é mais novidade. Mesmo para os tecnorrésistentes, a apreensão das novas tecnologias de ensino tem sido aos poucos incorporada. De acordo com Moran (2005, p.1):

A Internet, as redes, o celular, a multimídia estão revolucionando nossa vida no cotidiano. As tecnologias nos permitem realizar atividades de aprendizagem de formas diferentes daquelas feitas anteriormente. Podemos aprender estando juntos em lugares distantes, sem precisarmos estar fisicamente no mesmo espaço, como por exemplo, em uma sala de aula.

Entretanto, desenvolver uma proposta de ensino em que a mediação tecnológica seja o alicerce não é tão simples. Muitos docentes ainda vêem o processo ensino/aprendizagem com o mesmo formato tradicional em que o professor é o agente principal, com sua varinha na mão, determinando o que pode ser aprendido ou não. Acontece que em ambientes virtuais, não há como prever o comportamento do aluno nem expectativas quanto à condução das atividades. O princípio de autonomia deve ser enfatizado, assim como o de aprendizagem colaborativa. A proposta do museu virtual, contudo, não esteve, nesta pesquisa, voltada exclusivamente para a educação à distância, e poderá ser também uma ferramenta valiosa para o ensino mediado por pessoas, ou o que comumente se chama de presencial. A ênfase recai sobre as possibilidades de produção de saberes, quer sob orientação direta de professores ou aos alunos sozinhos, em outros ambientes, que não na sala de aula.

O Museu virtual é um espaço de mediação e de

relação do patrimônio com seus usuários e enquanto programa tecnológico, inserido num site pedagógico ou não, poderá complementar a comunicação e a informação como forma de envolver e dar a conhecer determinado patrimônio cultural ou natural. Numa visão ergonômica de produção de material didático através das tecnologias, em especial da Internet, na concepção de um museu virtual, há necessidade de procedimentos estratégicos, assumindo papel de suma importância, a fim de veicular os diferentes conteúdos e de estruturar as interações entre professores e alunos.

Para Lacerda Santos (2003, p.2):

O Material didático Interativo (MDI) deve refletir uma proposta pedagógica que rompa com fórmulas prontas e crie desafios cognitivos para os alunos. É preciso ousar e buscar novas possibilidades para o MDI, desenhando cursos onde o uso dos materiais não ocorre de forma linear, que sejam inovadores desde a sua estrutura, passando pela proposta de atividades, pela linguagem utilizada e pelas formas de avaliação da aprendizagem proporcionadas. A internet é cada vez mais empregada como meio didático, em todos os níveis de ensino.

Moran (2005) afirma que, uma das expressões claras de democratização digital se manifesta na possibilidade de acesso à Internet e em dominar o instrumental teórico para explorar todas as suas potencialidades.

Snyder (2002 *apud* LACERDA SANTOS, 2003) descreve a internet como labirinto, espaço de interações, de caminhos certos e incertos em meio ao conhecimento disperso no espaço virtual.

Neste sentido, o museu virtual, segundo Fortuna (2005, p. 6), configura-se como espaço de brincar e aprender, além de pesquisa e construção do conhecimento:

As escolas de educação infantil, ensino fundamental e médio, precisam descobrir o museu como espaço, meio e fim de fruição e construção de conhecimento, também o próprio museu precisa assumir sua parte no projeto educacional universitário, através de ações educativas intencionais, consistentes e bem planejadas. Um setor educativo sintonizado com seu tempo e com as necessidades locais, e, ao mesmo tempo, capaz de manter forte e permanente vínculo de sua equipe com instituições dedicadas à pesquisa e ao avanço do conhecimento nas diferentes faces que o compõem, tais como formação de educadores, ludicidade e Educação, patrimônio cultural, herança cultural mundial, produção artística, museografia e museologia.

O Museu Virtual de Jacobina, concebido como material didático, deveria oferecer instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social, de compreensão de como as sociedades interagem com a natureza, na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que se vive, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, possibilitar a aquisição de uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com o nosso lugar. Também possibilitar perceber as relações do passado com o presente, objetos de estudo da Ciência Geográfica.

Na tentativa de responder às questões propostas que se referem à validade do museu virtual, fez-se necessário delinear o método que embasa este estudo e fundamenta

a pesquisa em questão, o que será pontuado a seguir.

2 Materiais e Métodos

Ao estabelecer o problema da pesquisa pretendida e selecionar um método, buscou-se o estudo de caso pelas possibilidades de compreensão, pelo envolvimento entre os diversos sujeitos, participantes do processo de análise, reflexão e coleta de informações. A proposta de estudo exigia, num primeiro momento, a idealização, construção e implantação do Museu Virtual que daria o suporte necessário para a fundamentação da pesquisa pretendida. Para isto, estabeleceu-se:

Seleção e delimitação do caso – com ênfase nos aspectos e limites do trabalho a fim de reunir informações sobre um campo específico e análises sobre objetos definidos a partir dos quais se possa compreender determinada situação. Um estudo de caso deve abranger uma comunidade geograficamente concentrada a fim de estabelecer intercâmbios e reflexão acerca das informações a serem coletadas. Para isto, alguns elementos tornar-se-iam indispensáveis:

- Formação de um grupo de estudo para compreensão das bases epistemológicas subjacentes à proposta;

- Escolha de tema das exposições virtuais, espaços de visitação e estrutura do Museu;

- Organização de material, como: fotografias, imagens, textos, sites e outros elementos;

- Estruturação do Museu e abertura para o desenvolvimento do trabalho de campo.

O grupo composto deveria ter no máximo 15 participantes, mediante os critérios para seleção: ser graduado em Licenciatura Plena em Geografia; atuar em classes de ensino fundamental ou médio na rede pública municipal ou estadual; ter disponibilidade para estudo nos dias e horários definidos pela pesquisadora.

O trabalho de Campo foi caracterizado pelo estabelecimento de uma proposta de estudo com o Museu para tais professores, mediante um Plano de Trabalho específico, com a duração mínima de 20 h/ aula; pela avaliação do Museu Virtual, mediante fichas de avaliação, questionários, criação de portfólios e Diários de Bordo como instrumentos de coletas de dados com os professores e resultados dos trabalhos realizados a partir do Plano de Trabalho. Também objetivará registrar os encontros com fotografias.

A organização e redação do relatório deram-se através da produção do texto narrativo com apresentação dos dados e material coletado.

Na proposta do estudo empírico idealizado, o primeiro desafio a ser encarado partiu da concepção do museu virtual, isto significava, dentre outras questões, conhecer o programa específico para formatação e construção do protótipo. Buscou-se, desta forma, um modelo em html (HyperText Markup Language) - Linguagem de Marcação de Hipertexto. A segunda tarefa consistiu em escolher um tema para a primeira exposição virtual e organizar imagens, sites e textos que se adequassem. Decidiu-se que a proposta da exposição estaria fundamentada no Rio Itapicuru-Mirim, que corta toda a

cidade e tem uma importância socioambiental relevante. Foram selecionadas fotografias de épocas e sob focos diferentes; com cerca de 40 artigos digitalizados de jornais e com o tema “Corre um Rio em Minha Cidade”, organizou-se a primeira exposição virtual. Tal museu foi concebido inicialmente como um projeto piloto, e possui 8 divisões, acessadas pelo link “menu”: Por que o Museu?; Exposição Virtual; Sobre o Rio...; Colabo-radores; Quem somos; Saiba Mais sobre a Cidade e a Biblioteca.

Por que o Museu? – Nesta seção encontra-se a justificativa do projeto, a saudação de boas-vindas e um convite à participação ao mesmo.

Exposição Virtual – Sob o tema “Corre um Rio em Minha Cidade”, a primeira exposição possui 12 imagens do rio, com informações relevantes.

Sobre o Rio... – Buscou-se, explicitar o contexto histórico do rio Itapicuru-Mirim e sua importância socioambiental.

Colaboradores – Foram inseridos os nomes dos participantes no curso de extensão, como estímulo pela colaboração.

Quem Somos – Neste ícone estão os créditos do projeto e principalmente da pesquisa de campo desenvolvida, como Universidades, pesquisadora, professor orientador e monitor.

Saiba Mais – Compõe-se de 10 links que conduzem a sites interligados com o tema da exposição e com o museu, a saber: Google – Site de pesquisa e busca¹; UNEB – da Universidade do Estado da Bahia (de onde todos os participantes tiveram o curso de graduação)²; Revista Eletrônica – com informações acerca do meio ambiente³; Tratamento da Água – neste site há propostas de manutenção, prevenção e cuidados com a água; do Instituto Ciência Hoje⁴; Jacobina (Ba) – sobre a cidade, com fotos, informações e dados gerais⁵; Rio Itapicuru – indica o projeto desenvolvido com a bacia do Itapicuru e sua importância⁶; SEIA – Sistema Estadual de Informações Ambientais da Bahia⁷; Universidade da Água – há todo um referencial acerca da água como fonte de vida e dos cuidados que devemos ter para preservá-la⁸; Biblioteca – site que disponibiliza diversos outros links sobre o ensino da Geografia e experiências diversas⁹; Geografia – site que disponibiliza diversos outros links sobre o ensino da Geografia¹⁰.

Sobre a Cidade – nesta seção, buscou-se inserir mapa da cidade e da microrregião de Jacobina, com dados relevantes e referências sobre a mesma.

Biblioteca – nesta seção há outra exposição com dados multirreferenciais e interdisciplinares acerca da poluição das águas do rio Itapicuru-Mirim, doenças

causadas pela contaminação das águas e artigos de jornais acerca de ações desenvolvidas pelos órgãos governamentais, no rio.

3 Resultados e Discussão

Feita a seleção de monitoria, foi iniciada a pesquisa com a distribuição do questionário aos professores que estivessem no perfil desejado. Selecionou-se 5 dos 8 maiores colégios de Jacobina, que abrigam mais de 1.500 alunos cada. Dos 30 questionários emitidos, apenas 19 foram preenchidos e devolvidos, demonstrando profundo interesse em participar do curso, e destes, somente 10 professores tiveram 100% de frequência e, portanto, a amostra que foi de fato estabelecida.

Os resultados do questionário revelaram que um número expressivo de participantes (acima de 60%) concluiu o curso de graduação há mais de 5 anos e neste período não frequentou cursos de atualização pedagógica, nem na área específica de sua formação; não participou de Congressos, Simpósios e Conferências específicas; não acessa a Internet para estudo e preparação de aulas, tampouco utiliza a mesma como recurso didático; têm se limitado a buscar informações que os capacitem a melhorar a prática pedagógica em periódicos (jornais e revistas), porém não são específicos da área da Geografia.

Assim, cogitou-se em estruturar o curso de extensão como meio de estabelecer a proposta de pesquisa - estudo de caso, considerando: Fundamental teoricamente acerca das três vertentes principais da pesquisa teórica, uma vez que alguns conceitos poderiam não ter sido apreendidos ou estudados: 1. Percepção geográfica; 2. O ensino da Geografia com base na Lei 9394/96 e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e 3. A Internet como meio de ensino, aprendizagem e divulgação científica no campo da Geografia.

A pesquisa buscou fornecer diversas experiências teórico-práticas ao Museu Virtual de Jacobina, a fim de subsidiar apoio técnico com o uso da ferramenta; experiências pedagógicas na área da pesquisa e promover discussões mais objetivas em torno do objeto pesquisado.

A menta do curso de extensão contemplava conceitos de percepção e sensação e estudo das epistemologias subjacentes às teorias que as compreendem como elementos propulsores de conhecimentos. Estudo dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia de Ensino Fundamental e Médio, no que concerne ao ensino dinâmico, criativo e consistente das categorias de análise: espaço, lugar e paisagem. A Internet como suporte para aquisição de informação e construção de conhecimentos. Objetivos no Ensino da Geografia: teoria x prática. Museu Virtual como meio de ensino, aprendizagem e divulgação científica no campo da Geografia.

No primeiro encontro a participação foi intensa e nas questões subjetivas os participantes afirmaram ter aprendido acerca dos conceitos de percepção e sensação, que a mesma vem carregada de subjetividade e individualidades, contendo a história pessoal de cada um; também a olhar com mais cuidado cada espaço e paisagem local como sentido de identidade.

¹ www.google.com.br

² www.uneb.br

³ <http://revista.fapemig.br/materia.php?id=148>

⁴ <http://ich.unito.com.br/65523>

⁵ <http://ich.unito.com.br/65523>

⁶ <http://www.marcadagua.org.br/bacia4.htm>

⁷ <http://www.seia.ba.gov.br/noticias.cfm?idnoticia=2581>

⁸ <http://www.uniagua.org.br/website/default.asp?tp=3&pag=qualidade.htm>

⁹ <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/geografia/geo08a.htm>

¹⁰ <http://www.cibergeo.org/geoensino.htm>

O segundo encontro teve início com a leitura e discussão de textos e a seguir à visita do Museu Virtual de Jacobina e o conhecimento de cada interface proporcionado pelo mesmo. Conheceu-se o porquê do Museu, os colaboradores, a equipe de coordenação seguida da visita à Exposição Virtual “Corre um Rio em Minha Cidade”.

O terceiro encontro pautava-se em detectar como professor da escola pública brasileira pode avaliar o ensino da Geografia atualmente, quanto: 1. Materiais didáticos disponíveis para as aulas; 2. A Internet como meio de ensino, aprendizagem e divulgação científica; 3. Como o professor de Geografia pode ensinar utilizando o suporte da Internet; e 4. Quais as maiores dificuldades que encontram ao usar a Internet como meio de ensino.

Diante das considerações tecidas pelos participantes, verificou-se que o ensino de Geografia na escola pública encontra-se com precariedade, carência de recursos didáticos, com a quantidade reduzida e em estado degradado; alguns poucos professores que utilizam tais materiais sentem dificuldade, pois têm acesso limitado e apenas 10% indicaram levar de casa seu próprio material para aulas, demonstrando problemas sérios nesta área em discussão. Somam a estes fatores as poucas condições oferecidas pelas escolas em aulas de campo (faltam transportes), pesquisas em bibliotecas, papel e xerox para aulas. Com relação ao uso da Internet, os 100% dos professores a consideram um recurso que facilita o processo educativo e vêem como possibilidade de ensino a construção e articulação de projetos, pesquisas e criação de recursos pelas ferramentas que lhe são disponíveis, como blogs. Apesar de que no primeiro questionário aplicado, somente 60% afirmaram utilizar a Internet em seu trabalho.

Os fatores que se evidenciaram como impedimento para um trabalho aceitável em Geografia são: o número limitado de computadores em relação ao número de alunos (90 e 60 %) e o acesso precário à internet nos laboratórios de computação das escolas (40%).

As atividades desenvolvidas com os professores durante o curso foram de suma importância para delinear as questões antes percebidas e que se configuram como realidade, pelo depoimento dos que atuam em sala de aula. Discutiu-se também acerca dos objetivos no ensino Fundamental e Médio, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (PCNs) e nova visita ao Museu. Foi dada a oportunidade para que cada participante utilizasse o recurso como desejasse, acessando os links da biblioteca virtual, visitando as exposições e, durante esta atividade, os comentários iam sendo tecidos acerca da validade do material no ensino da Geografia.

Quanto ao uso e validade do Museu Virtual no ensino da Geografia, de acordo com as respostas dos professores, tem-se: atualização da disciplina; Interação com outras disciplinas; atualização de novos instrumentos e recursos para a prática e aprendizagem no ensino da Geografia; por ser uma atividade nova no ensino, serve de incentivo maior, pois o novo sempre faz o trabalho fluir melhor; é mais um recurso para dinamizar as aulas e aprimorar conhecimentos para o professor e alunos;

o uso do museu virtual no ensino da Geografia atingiria diversos aspectos, pois ele é interdisciplinar; envolve aspectos históricos, científicos, políticos, físicos, etc.; a história do antes e a comparação do presente da nossa cidade; poder conhecer os aspectos físicos da nossa cidade há alguns séculos atrás; atualização constante; Interação com outros professores; discussão sobre temas relevantes e de interesse da comunidade;

Observou-se que, apesar dos professores não terem mencionado o termo “local” ou dar conhecimento ao estudo local, duas considerações apresentam esses aspectos: “A história do antes e a comparação do presente da nossa cidade; Poder conhecer os aspectos físicos da nossa cidade há alguns séculos atrás”, identificados aqui como dificuldade de expressão da terminologia específica na própria área do conhecimento.

Conclui-se que a educação traz em seu bojo a função premente da ética e da justiça social, apesar da teoria e da prática, em nosso sistema educacional, andarem em caminhos muitas vezes opostos. Freire (1983) sinaliza como postura política favorável à classe dominante: “Quem se compromete com a desumanização, se desumaniza também.” Isto de certa forma escamoteia o sentido político nas práticas sociais. Todo ato educativo é ato político. E na práxis educativa, o que alimenta o fazer diário em sala de aula são as descobertas científicas, os estudos metodológicos fornecidos pela Ciência aliados à observação criteriosa do professor ou da professora atentos às necessidades de seus alunos.

Acredita-se que, assim como a ciência, em sua adoção por uma nova postura ética diante da sociedade, a escola precisa fazer sua leitura de justiça, democracia e acesso aos saberes.

Kaercher (2001) tece algumas condições para renovação das práticas curriculares, considerando o conhecimento como uma construção do sujeito frente ao mundo, no combate ao currículo que privilegia a informação e a quantificação ou a fragmentação do saber; uma ação transformadora do sujeito sobre a realidade, assumindo a práxis política e um pensar relacional e multidisciplinar, sem apego às fronteiras acadêmicas e num diálogo contínuo com professores e alunos.

4 Considerações Finais

A experiência com o museu virtual nos forneceu inúmeras condições de compreensão do papel de professor e, diante do foi exposto, considerando que sempre é tempo de aprender com o outro, com o livro, com a imagem, com o silêncio.

O ensino da Geografia pode ser repensado, avaliado, modificado mediante estudo e pesquisa. Como ciência, a Geografia tem seu objeto próprio, mas a realidade local, tão esquecida nos livros didáticos, deve ser o primeiro foco de estudo, análise e compreensão para o desenvolvimento de postura ética e cidadania.

Acerca da validade do museu virtual, uma vez que o objeto da pesquisa foi corroborado com o estudo de caso, pois, conforme apontado pelos professores e de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), o trabalho pedagógico em Geografia visará às

capacidades do aluno em: a) observar, conhecer, explicar, comparar, representar as características do lugar em que vive e de diferentes paisagens e espaços geográficos, através do estudo das relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem; b) perceber as diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais característicos de cada paisagem; c) permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição; d) identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza em sua interação. E tudo isto pôde ser detectado e confirmado na experiência com o mesmo, porém, se não houver um trabalho efetivo e concreto com os professores em seus planejamentos, ele continuará sendo um site a mais na Internet.

Referências

- ALESSANDRI-CARLOS, A.F. Espaço-tempo na metrópole. São Paulo: Contexto, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1997.
- FERRARA, L. D'Alessio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: Edusp, 1993.
- FORTUNA, T. *O museu em jogo*. 2005. Disponível em: <http://www.museu.ufrgs.br/admin/artigos/arquivos/artigotaniafortuna.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2007
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FURLAN, S. Â. *A Geografia na sala de aula: a importância dos materiais didáticos*. 2002. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/mp/tetxt4>. Acesso em: 17 abr. 2007
- KAERCHER, N.A. *Desafios e utopias no ensino de Geografia*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.
- LACERDA SANTOS, G. A Internet na educação fundamental: sondagem de modos de uso por professores. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 2, jul. dez. 2003. p. 307-312.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LUCCI, E.A. et al. (Org.). *Milton Santos: cidadania e globalização*. São Paulo: Saraiva, 2000.
- MATURANA, H. Metadesign. In: MAGRO, C.; PAREDES, V. (Org.) *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p.173-200.
- MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- MORAN, J.M. Tecnologias de comunicação e interação. Disponível em: www.eca.usp.br/prof/moran/midias_edc.htm. Acesso: 30 maio 2007.
- MORIN, E. *Roda viva. O Brasil passa por aqui*. São Paulo: Cultura Marcas, 2000.
- NITZKE, J.A.; CARNEIRO, M.L.F.; FRANCO, S.R. K. Ambientes de aprendizagem cooperativa apoiada pelo computador e sua epistemologia. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v.5, n.1, p. 13-23, 2002.
- PINHEIRO, O.G. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, M.J. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.
- VESENTINI, J.W. (Org.). *O Ensino de Geografia no século XXI*. Campinas: Papirus, 2004.
- VYGOTSKY, L. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim

Mestrado em Tecnologia da Informação e Comunicação na
Formação em Educação a Distância - Universidade Norte
do Paraná.

e-mail: <eliasimeia@yahoo.com.br>
